

A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DA UTILIZAÇÃO DO CONCEITO DE NATUREZA NA GEOGRAFIA: REFLEXÕES PARA UM DEBATE.

Autora: Kalina Salaib Springer / springer_kalina@yahoo.com.br

Orientador: Francisco de Assis Mendonça / chico@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná / Setor de Ciências da Terra / Departamento de Geografia / Programa de Pós-graduação em Geografia
Rua Coronel Francisco H. dos Santos s/n, Centro Politécnico
Jardim das Américas, Curitiba - Brasil. / CEP 81531-990

INTRODUÇÃO

“A natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o solo, não aquilo que está diante, mas aquilo que nos sustenta”.
Merleau – Ponty (2000, .4)

Seria possível compreender, de maneira única, a noção de natureza? Não é, seu conceito, apenas produto de nossa história? Com esta indagação podemos iniciar a discussão acerca do que é natureza.

Especificamente para a Geografia o conhecimento da natureza é de primordial importância, uma vez que ela constitui-se na base do espaço e da sociedade, e que se encontra subjacente a tudo que se faz e se pensa sobre meio ambiente.

A atualidade é fortemente marcada por um período de crise generalizada em todos os campos do conhecimento. Entretanto, quando a discussão é sobre os problemas ambientais, segundo (Leff 2004) é necessário entender que a complexidade ambiental não constitui somente um problema de aprendizagem sobre o meio, e sim de compreensão do conhecimento que se tem e se produz sobre esse meio.

Desta forma, ao identificar quais as concepções de natureza utilizadas pela produção em Geografia, pode-se compreender melhor a produção deste conhecimento. Quais as bases teóricas e filosóficas que servem de suporte a este conhecimento e se os princípios destas estão de acordo com os objetivos propostos por estas produções.

Conforme (Mendonça 1989) os aspectos teóricos da Geografia enquanto ciência tem constituído importante temática de discussão, entretanto a maior parte das discussões são de autoria de geógrafos ligados à parte humana / social desta ciência. Afirma o autor que é notável o fato de os geógrafos físicos não desenvolverem com mais intensidade trabalhos sobre a problemática teórica da geografia.

Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho é o de desencadear e estimular reflexões sobre as bases filosóficas acerca dos conceitos e concepções da “natureza”, nem sempre discutidas nas produções geográficas, principalmente na Geografia física. Como objeto de análise estão as dissertações de mestrado defendidas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Paraná – Curitiba / Brasil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com (Bazarian 1994) o conhecimento humano começou com a filosofia, mas apesar disto, temos a tendência de separar a filosofia das outras ciências, entretanto elas não estão isoladas, mas formam um todo.

(Haesbaert 2002) argumenta que toda área do conhecimento que pretenda um mínimo de rigor e consistência necessita, indubitavelmente, de um domínio básico dos princípios filosóficos. Para o autor, o distanciamento da Geografia em relação às bases filosóficas que norteiam o processo de elaboração do conhecimento científico é, certamente, responsável por grande parte de nossa fragilidade em termos de uma postura crítica efetivamente transformadora.

Desta forma, é preciso ter a filosofia como um referencial necessário para o desenvolvimento científico. A esta tarefa epistemológica, acrescenta-se uma atitude específica: o da reflexão acerca dos conceitos utilizados.

Esta reflexão epistemológica tem como propósito indagar sobre os pressupostos filosóficos que estão por detrás da adoção de determinados conceitos ou concepções de natureza.

No conhecimento Geográfico, às concepções de natureza, devem transpor à simples noção de idéia por esta se constituir num de seus conceitos fundantes. Quando

se fala em concepções reporta-se obrigatoriamente a conceitos. Segundo (Foucault 1997) um sistema de formação conceitual é constituído por um amplo feixe de relações, que permitem delimitar um grupo de conceitos.

Partindo-se do pressuposto que, estas relações são as maneira pelas quais os diferentes elementos estão relacionados uns aos outros, quando se fala em conceitos de natureza não se trata de fazer um levantamento exaustivo, em textos isolados. E sim, buscar segundo uma determinação de esquemas de agrupamento como os conceitos de natureza podem estar ligados uns aos outros. Como estes elementos formadores de conceitos são retomados, associados ou dissociados na formação das concepções de natureza.

Neste contexto foram definidas e classificadas quatro formas de entender a natureza (tabela 01). São concepções que, permearam ou ainda permeiam a relação que o homem desenvolve com seu meio.

Tabela 01: Concepções de natureza

| Concepção de Natureza | Período Histórico | Período Filosófico | Relação Homem - Natureza |
|------------------------|----------------------|-------------------------|--------------------------|
| Concepção Naturalista | VII a.C – VII | Filosofia Antiga | Contemplação |
| Concepção Teológica | VIII - VI | Filosofia Medieval | Temor |
| Concepção Racionalista | XVI - XIX | Filosofia Moderna | Dominação |
| Concepção Complexa | A partir do séc. XIX | Filosofia Contemporânea | ???? |

Fonte: adaptado de CHAUI (2001) e HENRIQUE (2004)
Org: SPRINGER, KALINA (2004)

Filosofia Antiga e a Concepção Naturalista: Neste momento os filósofos da natureza, como eram conhecidos possuíam como tema principal de sua obra a ‘phisis’. Em tradução corrente pode-se considerar a phisis com a palavra natureza. Entretanto para os filósofos deste período a concepção de ‘phisis’ é diferente do que hoje se idealiza como natureza.

Para estes filósofos e também para os gregos deste período phisis significava gênese, origem e substrato de todas as coisas. Segundo (Henrique 2004) neste período, o conhecimento sobre a natureza era fruto da imaginação, contemplação, principalmente pelos relatos heróicos dos ‘aventureiros’ atrelando a idéia de natureza à concepção de um mito.

Filosofia Medieval e a Concepção Teológica de Natureza: Considerada como obra divina, seria inconcebível que a ação do homem pudesse prejudicar a natureza, uma vez que este não poderia produzir danos irreparáveis na obra de Deus.

A natureza é vista, portanto como exterior – no sentido de constituir-se numa realidade não humana – sendo pura, e dada por Deus. Existe por si mesma independente a atividade humana.

Neste paradigma nada poderia acontecer senão pelas ‘mãos’ divinas que traçavam os destinos e legislavam todas as coisas. Os ciclos naturais, e todas as mudanças seriam ocasionadas intencionalmente por uma inteligência superior.

Segundo (Rossatto 1990) tudo o que está relacionado às forças naturais – o carnal, o sexual, o instinto, o é inferior e devem ser controladas pelos grilhões da racionalidade. É desta concepção que surge a idéia de que a obra divina (natureza).

Filosofia Moderna e a Concepção Racional: (Marx 1980) argumenta que neste período a natureza transforma-se em mercadoria, e a mercadoria é, antes de qualquer coisa, um objeto externo, que, por suas propriedades satisfaz as necessidades humanas.

(Araújo 2003) argumenta que dentre as conseqüências deste novo modelo científico se destacam a nova imagem física e unitária de universo, a natureza não é mais um amontoado de seres heterogêneos, mas constituída por seres homogêneos, descritos segundo as normas da geometria; o hilemorfismo (teoria de que todo ser se constitui de matéria e forma) é substituída por um atomismo a compor uma matéria infinitamente extensa.

Filosofia Contemporânea e a Natureza Complexa: Segundo (Capra 1996) a teoria quântica oportuniza novas teorias para compreensão do universo e da natureza. Este físico propaga a concepção de universo como uma probabilidade de interconexões e incertezas.

Nesta reestruturação científica, rompe-se com o paradigma racionalista / mecanicista através do princípio da relatividade / probabilidade (nunca previsibilidade), surge uma nova lógica: descontinuidade, ocasional e interconectada. Surge a idéia de complexidade: re-introdução da incerteza, da desordem, indeterminismo, probabilidades.

MÉTODO E TÉCNICAS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento do trabalho, primeiramente contabilizou-se o total de dissertações produzidas pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

Após este primeiro contato, selecionou-se um percentual de amostra equivalente a 10% do total das dissertações. Com a seleção destas dissertações realizou-se a leitura e análise destas produções. Ao todo as análises foram realizadas em 14 dissertações.

Os itens analisados foram: a) existência ou não de uma discussão sobre, qual a filosofia que norteia o estudo, sua concepção de natureza, e quais os limites de compreensão do real que esta impõe; b) a utilização da linguagem, como forma de expressar uma concepção filosófica.

A NATUREZA NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA DA POS-GRADUAÇÃO DA UFPR

Com o desenvolvimento do trabalho, primeiramente, obtivemos o total de dissertações produzidas pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Ao todo foram defendidas 104 dissertações.

A figura 01 representa o gráfico de evolução das dissertações. Pode-se perceber que a partir do ano de 2002 a crescente evolução quantitativa da produção científica. Entretanto é no ano de 2005 que ocorre seu ápice quantitativo, o equivalente a 27 dissertações defendidas.

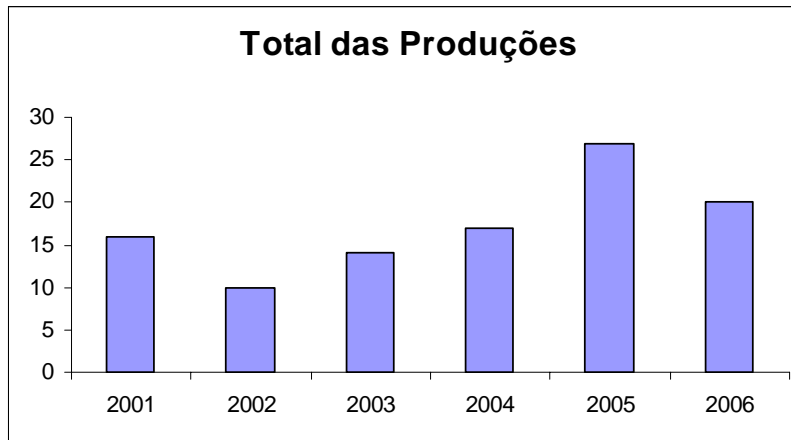


Figura 01: Gráfico da evolução das Dissertações

Fonte: Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, 2006

Org.: Springer, Kalina, 2006.

No ano seguinte, em 2006, ocorreu pequeno retrocesso, se comparado a 2005, mas quando a comparação é feita com relação a 2004, a evolução continua de forma crescente e gradativa. No que se refere às análises, podem-se fazer as seguintes considerações:

- Quanto da existência ou não de uma discussão sobre, qual a filosofia que norteia o estudo, sua concepção de natureza, e quais os limites de compreensão do real que esta impõe:

De um modo geral, em todos os trabalhos analisados, não existe por parte do autor um posicionamento filosófico claro e explicativo. Entretanto, como não poderia deixar de ser, os trabalhos estão sim, inseridos em sistemas filosóficos dominantes, por nós identificados através das características dos trabalhos, da análise da linguagem e do discurso utilizado pelo autor.

Isto pode ser claramente exemplificado no trecho encontrado na dissertação defendida por CHUEH (2004, 2) "Diante disto, o objetivo principal deste trabalho é buscar quantificar a degradação dos recursos naturais da bacia hidrográfica do rio Pequeno".

No que se refere à discussão sobre o conceito de natureza, isto dificilmente ocorre. Outras discussões são realizadas: abordagem sistêmica, bacia hidrográfica, EIA/RIMA, impacto ambiental, elementos ambientais (solos, estrutura geológica, vertentes,...), fragilidade ambiental, urbanização, legislação ambiental, entre outros. Isto pode ser claramente exemplificado em trecho escrito por Santos:

“As referências bibliográficas comentadas a seguir têm a intenção de focalizar as bases conceituais e teóricas que estruturam este trabalho, enfatizando a importância dos estudos ambientais em bacias hidrográficas, os fundamentos de análise da fragilidade ambiental, bem como os elementos básicos para o seu reconhecimento, ou seja, o estudo dos solos e dos processos geomorfológicos. O ambiente urbano também foi considerado, dado a sua expressão areal na bacia em estudo”. SANTOS (2005, 15)

Dos 14 trabalhos analisados a conceituação de natureza, apareceu (mesmo que de forma sucinta) em apenas duas dissertações. Uma delas cita-se: Gonçalves apud Saraiva (2004, 8) “afirma que, em nossa sociedade, a natureza pode ser considerada como tudo aquilo que se opõe à cultura”.

“a natureza pode ser compreendida em dois momentos: a Primeira Natureza, imperceptível na escala de tempo humana e anterior à sua história, é marcada por um equilíbrio climático entre o potencial ecológico e a exploração biológica; a Segunda Natureza corresponde à apropriação e transformação da Primeira através da evolução das forças produtivas. A história do homem é a continuação da história da natureza”. Marx apud Saraiva (2004, 10)

- Quanto da utilização da linguagem, como forma de expressar uma concepção filosófica:

A partir da leitura da fundamentação teórica das dissertações observamos que, apesar de não existir um posicionamento direto do autor, no que se refere à sua posição filosófica, nos ficou claro que a utilização de determinados termos e a estruturação do discurso posicionam os trabalhos dentro da Filosofia Moderna caracterizada pelo paradigma cartesiano.

Isto é claramente evidenciado, por exemplo, na utilização de certos termos como recursos naturais. Segundo (Gonçalves 2002) recurso é uma palavra que quando utilizada denota a idéia de permissão à exploração, tendo por si só sentido pejorativo.

Esta expressão começou a ser utilizada para designar os elementos da natureza justamente na Filosofia Moderna, quando a natureza, passou de obra divina, para fonte de ‘recursos’ utilizados pelo homem para seu desenvolvimento. Neste sentido a

utilização da palavra 'recursos' exprime a ideologia que caracteriza o pensamento cartesiano.

Não se pode mais imaginar que a água é um recurso inesgotável e abundante. Essa abundância é muito relativa, pois, os recursos hídricos que atendem as exigências do homem estão mal distribuídos e podem estar degradados ambientalmente, enquanto a demanda por água vem sempre crescendo. ARAÚJO (2004, 5)

No trecho acima citado evidenciamos também a utilização da palavra exigência: 'exigências do homem'. A utilização destas palavras, neste caso, indica novamente a concepção dominadora de cunho exploratório, característica marcante da Filosofia Moderna.

Entretanto, pudemos verificar que, em uma das dissertações a preocupação para com a utilização dos termos apareceu. Ao tratar de 'recursos hídricos' a dissertação de (Castro 2005) esclarece que atualmente entende-se que a água é um recurso natural, dotada de valor econômico e reconhecida como um bem finito, vulnerável e parcialmente renovável. Entretanto, nesta dissertação evidencia-se a distinção entre 'recursos hídricos' e o elemento água:

Setti (et al) apud Castro "discorre da diferença entre os termos água e recursos hídricos ao afirmar que quando se trata das águas em geral, incluindo aquelas que não devem ser usadas por questões ambientais o termo correto é simplesmente água, ao passo que recursos hídricos são as águas destinadas a usos. (2001, 2-3).

Outro aspecto que evidencia este posicionamento filosófico é que muitos dos trabalhos objetivam a aplicação de uma determinada metodologia a um determinado estudo, a fim de identificar resultados positivos e ou negativos.

A aplicação de metodologias como parte fundamental do pensar científico é característica da Filosofia Moderna. Além disso, as metodologias utilizadas nos trabalhos, separam os elementos (solo, geologia, hidrografia ...), os analisam e depois os juntam, outra característica do pensar cartesiano. Isto se evidencia na dissertação de (Chueh (2004, 2):

"Seguem-se como objetivos específicos ou complementares: realizar o levantamento e avaliar as condições físicas da área, tais como a cobertura vegetal, aspectos climáticos, pedológicos,

litológicos e geomorfológicos inerentes a metodologia proposta. Também serão realizadas a elaboração e a correlação entre os mapas e as tabelas destes temas com a declividade e hipsometria, para uma avaliação e setorização do estado físico da área de estudo. A partir destas informações, serão avaliadas as possibilidades dos resultados e conclusões desta metodologia proporcionarem suporte ao planejamento e zoneamento ambiental”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao se analisar algumas dissertações percebe-se que, apesar de a Geografia Física tratar de temas diretamente vinculados à natureza, estas dissertações não esclarecem objetivamente qual posicionamento filosófico escolhido, o porquê desta escolha e tanto pouco ocorre a discussão do conceito de natureza.

Neste trabalho, evidenciou-se que, construir o conceito do que é natureza, é um processo que está intimamente ligado à maneira como cada sociedade em cada época percebe determinado conjunto de verdades que dimensionam sua realidade naquele determinado período. Neste sentido a concepção de natureza, se alterna identificando diferentes maneiras de se ver e se perceber a natureza.

Assim, a análise das dissertações identificou que na Geografia física a concepção de natureza e o modo de trabalhá-la envolvem-se ainda com a herança cartesiano – newtoniana, cuja ideologia propagou-se com o desenvolvimento da chamada ciência moderna, encontrando no positivismo e posteriormente no neo-positivismo um de seus principais alicerces de sustentação.

Contudo, pode-se inferir que, atualmente, verificou-se que estamos num período de transição. Representando esta transição estão os pontos de interrogação da última linha e última coluna da tabela 01 aparecem os pontos de interrogação. Estamos entrando em uma nova era, com novas e variadas percepções de mundo, e que estão mudando também a forma como o homem concebe a natureza.

Esta revolução no pensar pode ser claramente evidenciada na Geografia, com a recente ascendência da Geografia humanística e suas formas de entender e fazer Geografia.

Neste contexto, a discussão filosófica e epistemológica realizada neste trabalho é de fundamental importância para provocar indagações a cerca do conhecimento científico produzido pela pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Araújo, Wilson José. 2004. **Diagnóstico ambiental da sub-bacia do rio Timbu – Campina Grande do Sul e Quatro Barras – PR**, Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Araújo, Inês Lacerda. 2003. **Introdução à filosofia da ciência**. 3º ed. Curitiba: Ed da UFPR,

Bazarian, Jacob. 1994. **O problema da verdade: teoria do conhecimento**. 4.ed. São Paulo: Alfa-Omega.

Capra, Fritjof. 1996. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix.

Castro, Luciana Cardon. 2005. **O contexto legal da gestão de recursos hídricos na bacia hidrográfica do alto Iguçu-PR**, Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Chauí, Marilena. 2001. **Convite à filosofia**. 12ed, São Paulo: Ática.

Chueh, Anderson Mendes. 2004. **Análise do uso do solo e degradação ambiental na bacia hidrográfica do rio Pequeno – São José dos Pinhais/PR, por meio do diagnóstico físico-conservacionista**. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Foucault, Michael. 1997. **A arqueologia do saber**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Gonçalves, Carlos Walter Porto. 2002. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 10ed. São Paulo: contexto.

Haesbaert, Rogério. Filosofia, geografia e crise da modernidade. In: HAESBAERT, Rogério (org). **Territórios alternativos**. Niterói: Ed da UFF; São Paulo: Contexto, 2002.

Henrique, Wendel. 2004. **O direito à natureza na cidade: ideologias e práticas na história**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro.

Leff, Enrique. 2004. **Aventuras da epistemologia ambiental:** da articulação das ciências ao diálogo dos saberes. Rio de Janeiro: Garamond.

Marx, Karl. 1980. **O capital.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Mendonça, Francisco. 1989. **Geografia Física: ciência humana?** São Paulo: Contexto (Coleção repensando a geografia).

Ponty – Merlau, Maurice. 2000. **A natureza.** São Paulo: Martins Fontes.

Rossatto, Noeli Dutra. 1990. **Natura naturans, natura naturata: o sistema do mundo medieval.** In: Revista Ciência e Ambiente/ Universidade Federal de Santa Maria.vol 1, nº 1, julho de 1990.

Santos, Edelson. 2005. **Mapeamento da fragilidade ambiental da bacia hidrográfica do rio Jirau município de Dois Vizinhos –PR,** Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.